

PAPEL DAS LÍNGUAS AUTÓCTONES NO ENSINO DO PORTUGUÊS NA GUINÉ-BISSAU

ROLE OF INDIGENOUS LANGUAGES IN THE TEACHING OF PORTUGUESE IN GUINEA-BISSAU

Alfa dos Santos Siolm

Universidade Federal da Bahia -Brasil

José Guimarães

Universidade Federal da Bahia -Brasil

RESUMO

O artigo, intitulado “Papel das Línguas Autóctones no Ensino do Português na Guiné-Bissau”, tem como objetivo analisar e evidenciar a importância das línguas autóctones no contexto educacional guineense, especialmente no ensino do português. A pesquisa fundamenta-se em revisões bibliográficas que incluem autores renomados como Reto (2012), Mendes (2011), Carvalho (2022), Freire (1979), Malone (2012), entre outros. Na introdução, delineiam-se os objetivos do estudo, seguido por uma seção dedicada à explicação da abordagem metodológica, que utiliza um método qualitativo por meio da revisão bibliográfica. A contextualização linguística da Guiné-Bissau é brevemente apresentada, destacando o papel das línguas portuguesa, guineense e outras autóctones. O ensino do português como segunda língua é discutido, focando nos impactos para os alunos. A análise do papel das línguas autóctones no ensino do português demonstra os potenciais impactos positivos na aprendizagem dos alunos. O artigo encerra com considerações finais que destacam a relevância de uma abordagem pedagógica que valorize e integre as línguas autóctones no processo de ensino e aprendizagem do português na Guiné-Bissau.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino. Português. Línguas autóctones. Guiné-Bissau. Educação inclusiva.

ABSTRACT

The article, entitled "The Role of Autochthonous Languages in the Teaching of Portuguese in Guinea-Bissau", aims to analyse and highlight the importance of autochthonous languages in the Guinean educational context, especially in the teaching of Portuguese. The research is based on bibliographical reviews that include renowned authors such as Reto (2012), Mendes (2011), Carvalho (2022), Freire (1979), Malone (2012), among others. The introduction outlines the objectives of the study, followed by a section dedicated to explaining the methodological approach, which uses a qualitative method through a literature review. The linguistic context of Guinea-Bissau is briefly presented, highlighting the role of Portuguese, Guinean and other indigenous languages. The teaching of Portuguese as a second language is discussed, focussing on the impact on students. Analysing the role of indigenous languages in the teaching of Portuguese demonstrates the potential positive impacts on student learning. The article closes with final considerations that highlight the relevance of a pedagogical approach that values and integrates indigenous languages in the process of teaching and learning Portuguese in Guinea-Bissau.

KEYWORDS

Teaching. Portuguese. Indigenous languages. Guinea-Bissau. Inclusive education

Introdução

A diversidade linguística é um traço marcante da Guiné-Bissau, país localizado na costa ocidental da África. Em seu território, uma multiplicidade de línguas autóctones é falada pelos diferentes grupos étnicos que compõem sua sociedade. Nesse contexto, surge a relevância inquestionável do papel desempenhado por essas línguas no âmbito do ensino do português, idioma oficial e de instrução no sistema educacional guineense. Compreender a importância e explorar o potencial dessas línguas no contexto educacional torna-se essencial para promover uma educação inclusiva, sensível à diversidade cultural e linguística do país. Através da valorização das línguas autóctones como instrumento pedagógico, é possível fortalecer a identidade cultural dos estudantes guineenses, fomentar a participação ativa e engajamento dos alunos no processo de aprendizagem e contribuir para o desenvolvimento de um ambiente educacional mais enriquecedor e efetivo. Este artigo busca, portanto, analisar e evidenciar o papel das línguas autóctones no ensino do português na Guiné-Bissau, destacando sua relevância para o contexto educacional e os benefícios que podem ser alcançados ao adotar uma abordagem pedagógica que valorize e integre essas línguas no processo de ensino e aprendizagem.

A inclusão das línguas autóctones no ensino do português na Guiné-Bissau vai desempenhar um papel fundamental na promoção da diversidade linguística, cultural e educacional. A valorização dessas línguas nativas, língua primeira de maioria dos alunos, não apenas preserva a identidade e o patrimônio linguístico do país, mas também contribui para uma educação mais inclusiva, democrática, equitativa e de qualidade. Ao reconhecer e incorporar essas línguas como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem do português, proporciona-se aos estudantes guineenses uma base sólida e significativa para o domínio da língua oficial. Essa abordagem pedagógica inovadora e inclusiva permite que os alunos se conectem com os conteúdos de forma mais profunda, pois utilizam sua língua materna como ponto de partida para a compreensão do português. Além disso, ao aprender o português por meio das línguas autóctones, os estudantes desenvolvem habilidades linguísticas mais sólidas, uma vez que podem estabelecer conexões entre os conceitos e estruturas linguísticas das duas línguas.

A metodologia adotada para este estudo segue uma abordagem qualitativa, utilizando a revisão literária como método de investigação. Por meio dessa análise, exploramos trabalhos existentes que abordam a mesma temática, visando consolidar e aprofundar nosso entendimento sobre o papel das línguas autóctones no ensino do português na Guiné-Bissau.

A revisão bibliográfica permitiu a identificação de contribuições significativas de estudiosos como Reto (2012), Mendes (2011), Carvalho (2022), Freire (1979), e Malone (2012), entre outros. Essas fontes forneceram insights valiosos, embasando as discussões sobre a relevância das línguas autóctones no contexto educacional guineense. Ao revisitar as abordagens anteriores, buscamos estabelecer uma base sólida para nossas análises, considerando as perspectivas já existentes e aprimorando-as à luz das particularidades do cenário educacional específico da Guiné-Bissau. Essa abordagem metodológica fortalece a robustez do presente estudo ao integrar e sintetizar conhecimentos acumulados, proporcionando uma base teórica sólida para as considerações finais.

1 Diversidade linguística na Guiné-Bissau

Na Guiné-Bissau, a rica diversidade linguística é um elemento essencial do cenário cultural e histórico do país, concentrando-se cerca de 20 línguas faladas em todo o território, como revela a pesquisa de Scantamburlo (2013). Entre essas línguas, destacam-se as seguintes, que compõem o mosaico linguístico guineense: Crioulo: 44,31%, Balanta: 24,54%, Fula: 20,33%, Português: 11,08%, Mandinga: 10,11%, Manjaco: 8,13%, Papel: 7,24%, Biafada: 1,24%, Bijagós: 1,96%, Mancanha: 1,86%, Felupe: 1,48%, Nalu: 0,31% e outras: 0,05%.

Entre as línguas faladas na Guiné-Bissau, o Crioulo desempenha um papel significativo como língua nacional. Durante a luta pela libertação nacional, foi utilizada para mobilizar os nativos e expulsar os imperialistas portugueses. O Crioulo desempenha um papel preponderante na tessitura da identidade cultural guineense, transcendendo o mero aspecto linguístico para se tornar um veículo poderoso de expressão artística e testemunho histórico. Durante o período de luta pela libertação nacional, essa língua assumiu um papel crucial ao servir do instrumento de mobilização dos nativos, impulsionando o ânimo dos guerrilheiros e documentando vividamente a realidade enfrentada durante a época colonial Embalo (2008).

Atualmente, guineense continua a ser o epicentro de expressão para as diversas manifestações culturais do país. As músicas dos guerrilheiros, que outrora animavam os combatentes, evoluíram para incorporar novas formas e estilos musicais. Gêneros populares, como gumbé, tina e hip-hop, encontram na língua crioula um meio autêntico e vibrante para transmitir narrativas contemporâneas. A amplitude geográfica da língua crioula guineense, falada em todo o território nacional, sublinha sua importância como um elemento unificador da diversidade cultural presente na Guiné-Bissau Silom (2021).

É relevante destacar que a língua crioula não apenas perpetua tradições musicais, mas também se adapta e se renova para incorporar as dinâmicas culturais contemporâneas. Sua maleabilidade linguística reflete não apenas uma ferramenta comunicativa, mas um símbolo de resiliência cultural diante das transformações ao longo do tempo. Nesse contexto, a língua crioula não apenas preserva o passado, mas também é um meio dinâmico de expressão cultural, proporcionando uma ponte entre a história e as manifestações artísticas contemporâneas na Guiné-Bissau. Conforme aponta Embaló (2008):

O crioulo foi o impulsionador da música popular, pois as canções das mandjuandades⁴ e gumbé são quase todas interpretadas em crioulo (algumas nas línguas étnicas), também os cânticos à guerrilha que aconteceram na Luta Armada de Libertação da Guiné-Bissau, o que deu mais força e coragem para os combatentes durante os processos de luta (Embaló, 2008, p.6).

A predominância das línguas autóctones sobre o português na Guiné-Bissau reflete uma realidade linguística multifacetada e complexa. Apesar de o português ostentar o status oficial, sua penetração e domínio são restritos a uma minoria significativa da população. Essa dinâmica revela as nuances da aquisição linguística na sociedade guineense, ressaltando a riqueza da diversidade linguística e as complexas interações entre as línguas presentes no país.

A limitação do uso do português é particularmente evidente em contextos cotidianos e informais, onde as línguas autóctones naturalmente predominam. A

comunicação interpessoal, as interações em comunidades locais e até mesmo a expressão cultural através da música e das tradições são, predominantemente, conduzidas nas línguas autóctones. Essas línguas, muitas vezes, são percebidas como mais acessíveis e relevantes para a maioria dos guineenses em suas atividades diárias (Couto; Embaló 2010).

Embora o português desempenhe um papel crucial em ambientes mais formais, como salas de aulas, conferências internacionais e discursos políticos, sua aplicação restrita a esses domínios específicos destaca uma desconexão entre a língua oficial e as línguas faladas no contexto social mais amplo. Isso levanta questões importantes sobre a eficácia do português como um meio de comunicação inclusivo e abrangente, especialmente quando comparado à vitalidade e relevância contínua das línguas autóctones.

A resistência persistente à assimilação total do português no cotidiano guineense também destaca as complexidades históricas e sociais subjacentes. O legado colonial e a luta pela independência contribuíram para a preservação e fortalecimento das línguas autóctones como símbolos de identidade cultural e resistência. Nesse sentido, a limitação do uso do português não é apenas uma questão linguística, mas também uma expressão de uma narrativa mais ampla sobre a relação entre língua, cultura e poder na Guiné-Bissau.

O cenário linguístico na Guiné-Bissau ganha ainda mais profundidade ao explorar o papel essencial desempenhado pelas línguas autóctones, que encontram seu reduto nas regiões interiores do país. Essas línguas são os veículos fundamentais da comunicação e expressão para os grupos de falantes que se encontram mais afastados dos centros urbanos e, muitas vezes, são negligenciados nas discussões sobre diversidade linguística.

Nas regiões interiores, as línguas autóctones não são apenas instrumentos de comunicação, mas também guardiãs das tradições, mitos e histórias que permeiam as comunidades locais. Como observado por Fishman (1991), “as línguas são veículos da cultura” e, portanto, as línguas autóctones são essenciais para a manutenção da identidade cultural e histórica das comunidades. Elas desempenham um papel crucial na transmissão de conhecimentos culturais, práticas ancestrais e narrativas que moldam a identidade dessas populações. Essas línguas são, portanto, muito mais do que meros meios de comunicação; são manifestações vivas da herança cultural que permeia as raízes da sociedade guineense.

A preservação das línguas autóctones nas regiões interiores torna-se uma resistência consciente à assimilação cultural e linguística que muitas vezes acompanha o avanço da globalização. Ao optarem por continuar expressando-se em suas línguas tradicionais, essas comunidades reafirmam a importância de suas identidades únicas e a necessidade de proteger as nuances culturais que as definem.

Além disso, é nos interiores que as línguas autóctones encontram um terreno fértil para florescer. A transmissão intergeracional do conhecimento e das línguas ocorre de forma orgânica, à medida que as comunidades se apoiam em suas línguas nativas para transmitir a sabedoria acumulada ao longo de gerações. Essas línguas, ao contrário de serem consideradas como relíquias do passado, emergem como agentes dinâmicos no processo de construção do presente e do futuro dessas comunidades.

Assim, ao reconhecer o papel central das línguas autóctones nas regiões interiores, não apenas abrimos espaço para uma apreciação mais profunda da

diversidade linguística guineense, mas também promovemos a valorização e preservação dessas línguas como elementos cruciais da riqueza cultural do país.

O reconhecimento da diversidade linguística na Guiné-Bissau como um patrimônio cultural valioso é fundamental para a promoção da coesão social e identidade nacional. Nesse contexto, as palavras de Crystal (2000) ressoam: "A língua é uma parte integral da cultura e desempenha um papel crucial na preservação da diversidade cultural.

2 O ensino do português como língua segunda

O português, língua oficial e de instrução escolar na Guiné-Bissau, desempenha um papel fundamental no contexto educacional desse país. A presença e adoção do português como língua oficial remonta ao período colonial, quando Portugal estabeleceu sua influência e domínio sobre esta região desde 1446 (Augel (2007). Após a independência em 1973, o português foi mantido como língua oficial, refletindo a continuidade histórica e a importância atribuída a essa língua no contexto guineense.

A escolha do português como língua oficial e de instrução foi motivada por diversos fatores. Em primeiro lugar, foi fundamentado pela ideia de Cabral que defendeu o português como uma língua comum compartilhada por outros países lusófonos, o que facilita a comunicação e o intercâmbio cultural entre essas nações. Além disso, o uso do português permite à Guiné-Bissau manter relações diplomáticas e comerciais mais estreitas com países falantes desta língua, abrindo portas para oportunidades de cooperação e desenvolvimento (Silom (2023).

No contexto educacional guineense, a escolha do português foi fundamentada pelo fato de ser uma língua com uma escrita uniformizada e com materiais educacionais que possam facilitar o ensino escolar. Esta justificativa era um ponto forte apresentado pelo líder do PAIGC- Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde, Amílcar Cabral.

Há camaradas que pensam que, pra ensinar na nossa terra é fundamental, ensinar no crioulo já. Então outros pensam que é melhor ensinar em fula, em mandiga, em balanta. Isso é muito agradável de ouvir, os balantas se ouvirem isso, ficam muito contentes, mas agora não é possível. Como é que vamos escrever em balanta agora, quem é que sabe a fonética de balanta, (...) agora a nossa língua para escrever é português (Cabral, 1976, p. 59).

No entanto, é importante reconhecer que a introdução e imposição do português como língua oficial e de instrução não ocorreram sem desafios e críticas. A diversidade linguística existente na Guiné-Bissau, com suas línguas autóctones únicas e expressivas, muitas vezes enfrenta um dilema em relação à valorização e preservação dessas línguas locais. Diante desse contexto complexo, é necessário adotar uma abordagem pedagógica que reconheça e valorize tanto o português como língua oficial quanto as línguas autóctones presentes na Guiné-Bissau.

A busca por um equilíbrio entre a promoção do domínio do português e o respeito à diversidade linguística é essencial para construir um sistema educacional mais inclusivo e sensível às necessidades dos estudantes guineenses. O processo de aprendizagem do português como língua segunda ou terceira para os estudantes guineenses é permeado por uma série de desafios que merecem ser explorados e compreendidos. Esses desafios estão intrinsecamente ligados às características

linguísticas e socioculturais do contexto guineense, bem como às disparidades educacionais presentes no país.

Um dos principais desafios é a falta de exposição precoce ao português. O português até hoje não é praticamente falado como língua vernacular na Guiné-Bissau (Couto; Embaló, 2010, p. 4) Muitos estudantes guineenses têm contato limitado com a língua portuguesa em seu ambiente familiar e comunitário, uma vez que as línguas autóctones predominam nesses contextos. Essa falta de exposição prévia dificulta a familiarização com a sonoridade, vocabulário e estrutura da língua portuguesa, tornando o processo de aprendizagem mais árduo. Além disso, a diversidade linguística presente na Guiné-Bissau pode gerar interferências na aprendizagem do português como língua segunda. As estruturas gramaticais, fonéticas e vocabulários das línguas autóctones diferem significativamente do português, o que pode levar a transferências negativas ou interferências na aprendizagem da nova língua. Essas interferências podem dificultar a compreensão adequada do português.

Outro desafio enfrentado pelos estudantes guineenses é a falta de recursos educacionais adequados. A escassez de materiais didáticos e a deficiência na formação de professores especializados no ensino do português como língua segunda limitam as oportunidades de aprendizagem efetiva. A ausência de um ambiente linguístico estimulante, com poucas práticas de leitura, escrita e interação em português, também contribui para a dificuldade enfrentada pelos estudantes na assimilação da língua.

Os alunos não percebem a língua portuguesa. Leem mas não compreendem o texto, alguns alunos não escrevem o português correto. Como é que um estudante que não escreve e nem fala correto à língua portuguesa pode compreender e interpretar um texto nesta língua? Às vezes compreendem melhor quando a explicação é na língua crioula, eu já tive essa experiência (Barreto, 2012, p. 26).

Além disso, as desigualdades socioeconômicas presentes na Guiné-Bissau impactam diretamente a aprendizagem do português como língua segunda. Muitos estudantes enfrentam condições precárias nas escolas, falta de acesso a materiais didáticos e tecnologia educacional, além da necessidade de conciliar o trabalho e as responsabilidades familiares com os estudos. Esses fatores adicionais dificultam o processo de aprendizagem e podem gerar desmotivação nos estudantes.

Diante desses desafios, é fundamental adotar estratégias pedagógicas que levem em consideração as necessidades específicas dos estudantes guineenses no processo de aprendizagem do português como língua segunda. Investimentos na formação de professores especializados, no desenvolvimento de materiais didáticos contextualizados e na criação de ambientes linguísticos enriquecedores são medidas essenciais para superar essas dificuldades e promover uma educação inclusiva e efetiva para todos os estudantes da Guiné-Bissau.

3 O papel das línguas autóctones no ensino do português

As línguas autóctones são aquelas que se originam e são faladas pelo povo nativo de uma determinada região ou país. Diferentemente das línguas que poderiam ser consideradas vítimas de linguicídio, resultados da colonização, as línguas autóctones são intrínsecas e insubstituíveis em relação àquela do colonizador. Sob a perspectiva etnolinguística, elas estão entrelaçadas com a

sociedade e a cultura, podendo, portanto, serem equiparadas a quaisquer outras línguas. Diante disso, desempenhas um papel fundamental no ensino de línguas não maternas, como destacado por Oliveira (2010).

Por ser as mais faladas e dominadas pelo povo, visto que são línguas de sua interação diária e de sua comunidade, o ensino de uma língua que não tenha esse perfil deve considerar que os alunos não têm domínio dessa língua, pois estão envolvidos em um processo bilíngue desequilibrado.

Bilíngue desequilibrado é aquele em que uma das línguas é mais predominante, na qual o aluno possui maior competência, conseguindo desempenhá-la melhor em comparação com as outras. Seu sistema é mais forte e se sobrepõe, de modo que pode influenciar o outro, inclusive fazendo empréstimo de algumas palavras em determinadas situações de interação. Em contraste, o bilíngue equilibrado é aquele em que o indivíduo possui a mesma competência para equilibrar ambas as línguas, ou as demais línguas que ele fala, sem sentir diferença, tratando-as como iguais. Contudo, isso não ocorre com o português, pois não é dominado pela maioria dos alunos guineenses (Almeida Filho, 2017).

Portanto, as línguas autóctones, por meio da qual a criança adquire o conhecimento linguístico, é importante que esteja presente ao lado do português no processo de ensino. Isso ocorre porque o português é adquirido após o estabelecimento ou já em um estágio avançado de desenvolvimento desse processo de aquisição.

A língua portuguesa configura-se como uma das línguas mais faladas mundialmente. No cenário internacional, sua divulgação tem se intensificado; no entanto, é pouco falada nos países onde é ensinada como língua oficial do ensino e do estado (Reto, 2012, p. 46). Mendes (2011) destaca que a língua portuguesa não existe isoladamente; ela coexiste e interage com outras línguas no espaço em que está inserida. Nesse contexto, Cummins (2009) sugere que as línguas autóctones sejam incluídas no sistema educativo para viabilizar a compreensão dos alunos, outrossim contribuem para o desenvolvimento da competência e habilidade que facilitam o processo de aprendizagem do aprendiz.

Dessa forma, é importante ter as línguas autóctones como uma das estratégias para desenvolver a capacidade dos alunos na aprendizagem de uma outra língua, pois auxilia na ampliação do repertório linguístico dos estudantes. Oliveira (2009) destaca que o papel das línguas autóctones é indispensável, uma vez que elas integram as crianças durante seu processo de aprendizagem e funciona como um fator significativo no desenvolvimento da linguagem, contribuindo para a compreensão de outros mundos.

A inclusão das línguas autóctones no processo educacional na Guiné-Bissau revela um papel fundamental para superar desafios linguísticos e facilitar a compreensão do português. Dada a diversidade linguística no país, as línguas autóctones proporcionam uma abordagem pedagógica culturalmente sensível, permitindo aos alunos estabelecerem uma ponte entre suas línguas maternas e o português. Essa conexão facilita não apenas a compreensão dos conceitos linguísticos, mas também promove a valorização das identidades culturais dos estudantes.

Além disso, ao utilizar as línguas autóctones como ferramentas pedagógicas, os educadores podem adaptar o processo de aprendizagem de forma mais acessível, considerando a familiaridade dos alunos com as suas línguas maternas. Essa abordagem promove a participação ativa dos estudantes, criando um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e receptivo.

Ao integrar essas línguas no processo de ensino do português, os educadores não apenas auxiliam na transição linguística dos alunos, mas também conferem um papel ativo e respeitado às línguas autóctones no ambiente educacional. A valorização das línguas autóctones como recursos pedagógicos vai além de uma simples estratégia linguística; representa um reconhecimento da diversidade cultural e linguística como ativos educacionais. Incorporar expressões, vocabulários e contextos culturais das línguas autóctones não só enriquece o ensino do português, mas também contribui para a preservação e promoção da rica herança cultural do país.

O emprego das línguas autóctones no ensino do português na Guiné-Bissau emerge como uma estratégia essencial para construir pontes linguísticas e culturais. Essa abordagem não só facilita a aquisição do português, mas também promove uma educação que respeita e celebra a diversidade linguística e cultural do país.

4 Impactos e desafios

A Guiné-Bissau é um país multicultural, com uma diversidade linguística rica, onde várias línguas autóctones são faladas em todo o território. No contexto educacional, o ensino do português como língua oficial é essencial para a integração nacional e o acesso a oportunidades mais amplas. No entanto, a introdução das línguas autóctones como meio de instrução complementar ao lado de português pode desempenhar impactos positivos e significativos no processo de aprendizagem.

Em primeiro lugar, o uso das línguas autóctones no ensino do português facilita a compreensão e aquisição do idioma para os alunos guineenses. Ao permitir que os estudantes sejam ensinados em sua língua materna, eles têm uma base sólida para construir habilidades linguísticas adicionais. Isso reduz a barreira linguística e promove uma transição suave para o português, resultando em um melhor desempenho acadêmico e maior engajamento dos alunos na sala de aula.

Além disso, o uso das línguas autóctones no ensino do português valoriza e preserva a identidade cultural dos alunos guineenses. Ao reconhecer e incorporar as línguas de diferentes grupos no currículo escolar, as comunidades locais irão se sentir respeitadas e representadas. Isso fortalece o senso de pertencimento dos alunos à sua cultura e promove a autoestima, resultando em um ambiente educacional mais inclusivo e motivador. Nesse contexto educacional os professores vão considerar o conhecimento previa dos alunos como aponta Freire (1979):

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procuramos um método que fosse capaz de se fazer instrumento também do educando e não só do educador. (FREIRE, 1979, p.72).

Este modelo de ensino foi defendido por Luckesi (2003) em seu texto intitulado “A Universidade que Queremos”. Trata-se de uma abordagem educacional na qual o aluno continua a se construir, ou seja, em que todos já sabem algo. Portanto, a escola conduz os alunos a se comprometerem com a reflexão a partir do conhecimento linguístico do aluno.

Ao introduzir as línguas autóctones no ensino, as escolas guineenses proporcionam aos alunos a oportunidade de aprender sobre diferentes idiomas e culturas presentes em seu país. Isso não apenas enriquece a experiência educacional, mas também promove a tolerância, o respeito mútuo e a valorização da diversidade.

Além disso, o uso das línguas autóctones no ensino do português contribuirá para um melhor entendimento e comunicação entre professores e alunos. Os professores que dominam as línguas autóctones podem estabelecer uma conexão mais próxima com os alunos, facilitando a transmissão de conhecimentos e criando um ambiente de aprendizagem mais acolhedor. Isso leva a uma maior participação dos alunos nas atividades escolares e ao desenvolvimento de relacionamentos positivos entre educadores e estudantes.

No entanto, é importante destacar que a implementação efetiva do uso das línguas autóctones no ensino do português requer investimentos significativos em capacitação de professores, desenvolvimento de materiais didáticos adequados e políticas educacionais inclusivas. Também é necessário garantir o equilíbrio adequado entre o uso das línguas autóctones e o aprendizado do português, para que os alunos possam adquirir habilidades bilíngues sólidas.

Em suma, os impactos positivos do uso das línguas autóctones no ensino do português na Guiné-Bissau são evidentes. Essa abordagem promove a inclusão, valoriza a diversidade cultural, fortalece a identidade dos alunos e melhora os resultados acadêmicos. Ao reconhecer e aproveitar as línguas autóctones como recursos educacionais, a Guiné-Bissau estará construindo um sistema de ensino mais acessível, relevante e eficaz para suas comunidades linguísticas diversas.

Como já apontado anteriormente, a implementação das línguas autóctones no ensino do português na Guiné-Bissau enfrenta uma série de desafios significativos. Um desses desafios é a necessidade de desenvolver abordagens pedagógicas adequadas que integrem efetivamente as línguas autóctones no currículo escolar.

É importante destacar que a falta de uma estrutura curricular clara e orientações pedagógicas específicas para o uso das línguas autóctones dificulta a sua implementação nas salas de aula. É essencial estabelecer diretrizes claras que definam como as línguas indígenas serão usadas como meio de instrução complementar ao português, garantindo que os alunos possam desenvolver habilidades linguísticas sólidas em ambas as línguas.

Além disso, a formação adequada dos professores é fundamental para o sucesso da implementação das línguas autóctones no ensino. Os educadores precisam ser capacitados para ensinar em um ambiente multilíngue, adquirindo habilidades pedagógicas e linguísticas necessárias para lidar com os desafios específicos dessa abordagem. A falta de programas de formação adequados para os professores pode dificultar a implementação efetiva das línguas autóctones no currículo escolar.

Outro desafio importante é a disponibilidade limitada de materiais didáticos adequados para o ensino das línguas autóctones. A falta de livros, materiais audiovisuais e recursos educacionais específicos dificulta o trabalho dos professores e limita as oportunidades de aprendizagem dos alunos. É essencial investir na produção e disponibilização de materiais didáticos de qualidade que atendam às necessidades dos estudantes e facilitem o ensino das línguas autóctones.

Além disso, a falta de recursos financeiros e infraestrutura adequada também representa um desafio para a implementação das línguas autóctones no ensino. A

Guiné-Bissau enfrenta restrições orçamentárias significativas, o que muitas vezes resulta em escolas com infraestrutura precária, falta de equipamentos e recursos básicos. Sem investimentos adequados nesses aspectos, torna-se difícil garantir um ambiente propício para a implementação das línguas autóctones no ensino.

Outra questão a ser considerada é a resistência ou falta de apoio por parte de alguns setores da sociedade em relação ao uso das línguas autóctones no ensino. Algumas pessoas podem considerar que o foco principal deve ser o ensino do português, visto como uma língua oficial e de maior prestígio. Superar essa resistência e promover uma compreensão mais ampla sobre os benefícios da valorização das línguas autóctones é fundamental para garantir o sucesso da sua implementação.

Por fim, é importante destacar que a implementação das línguas autóctones no ensino requer um compromisso contínuo por parte das autoridades educacionais e da sociedade em geral. É necessário desenvolver políticas educacionais inclusivas que promovam a diversidade linguística e cultural, bem como alocar recursos adequados para garantir a formação dos professores, o desenvolvimento de materiais didáticos e a melhoria da infraestrutura escolar.

Em suma, a implementação das línguas autóctones no ensino do português na Guiné-Bissau enfrenta desafios significativos relacionados à implementação das abordagens, formação dos professores e disponibilidade de materiais didáticos. Superar esses desafios requer um esforço conjunto e compromisso para promover uma educação inclusiva e valorizar a diversidade linguística e cultural do país.

Considerações finais

O presente estudo se debruçou sobre a importância das línguas autóctones para ensino da língua portuguesa na Guiné-Bissau. A diversidade linguística que permeia o país não apenas reflete uma riqueza cultural, mas também se revela como um elemento-chave a ser considerado nas estratégias educacionais.

Ao explorar o papel das línguas autóctones, pudemos observar como esses idiomas desempenham funções cruciais na vida cotidiana, transmitindo não apenas palavras, mas toda uma carga de identidade cultural, tradições e histórias. A língua crioula, em especial, emergiu como uma força unificadora, sendo não apenas uma ferramenta de comunicação, mas um elemento que conecta as diversas comunidades e gerações;

A resistência persistente do português como língua oficial evidencia os desafios e as nuances enfrentados no processo de ensino e aprendizagem. A limitação do uso do português, muitas vezes circunscrito a ambientes formais, destaca a necessidade de repensar abordagens pedagógicas que levem em consideração a riqueza das línguas autóctones presentes nas vivências diárias dos estudantes.

No contexto educacional guineense, a valorização das línguas autóctones não deve ser vista como uma barreira, mas como uma ponte para o aprendizado efetivo do português. Integrar as línguas locais no processo educacional não apenas fortalece a identidade linguística dos alunos, mas também pode ser uma estratégia eficaz para superar obstáculos linguísticos, proporcionando uma transição mais suave para a língua oficial.

O desafio futuro reside na construção de práticas educacionais inclusivas que reconheçam e celebrem a diversidade linguística como um ativo, promovendo um ambiente de aprendizagem que seja sensível às realidades linguísticas dos estudantes guineenses. Considerando a interseção entre as línguas autóctones e o

português, é possível conceber um modelo educacional mais alinhado com as necessidades e experiências dos aprendizes, fomentando, assim, uma educação verdadeiramente inclusiva e eficaz na Guiné-Bissau.

Referências

- ALMEIDA, F.; JOSÉ, C. P. **O ensino de português como língua não materna:** concepções e contextos de ensino. Brasília: Universidade de Brasília, 2017.
- ARCÍA, O. **Bilingual education in the 21st century:** a global perspective. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2009.
- AUGEL, M. P. **O desafio do escomburo:** nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BARRETO, M. A. **Reformas recentes no sistema educativo da Guiné-Bissau:** compromisso entre a identidade e a dependência. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT) e Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP) da Universidade Técnica de Lisboa (UTL), 2012.
- CABRAL, A.; ANDRADE, M. P. de (Org.). **A armada teoria:** unidade e luta I. Lisboa: Seara Nova, 1976.
- COUTO, H. H. do; EMBALÓ, F. Literatura, língua e cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP. **Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares.** Brasília: Thesaurus Editora, n. 20, Número especial, 2010.
- CRYSTAL, D. **Language death.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- CUMMINS, J. Bilingual and immersion programs. In: LONG, M. H.; DOUGHTY, C. J. (Eds.). **The handbook of language teaching.** West Sussex: Wiley-Blackwell, 2009. p. 159-181.
- EMBALÓ, F. **O crioulo da Guiné-Bissau:** língua nacional e factor de identidade nacional. PAPIA, n. 18, 2008, p. 101-107.
- FISHMAN, J. A. **Reversing language shift:** theoretical and empirical foundations of assistance to threatened languages. Clevedon: Multilingual Matters, 1991.
- FREIRE, P. **Conscientização:** teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- LUCKESI, C. C. et al. **Fazer universidade:** uma proposta metodológica. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- MALONE, S. Alfabetização multilíngue baseada na língua materna: leitura e aprendizagem bem-sucedidas para uma educação de qualidade. In: UNESCO. **Alfabetização multilíngue baseada na língua materna:** estudos de caso e melhores práticas. Bangkok: UNESCO, 2012. p. 27-40.
- MENDES, E. **Diálogos interculturais:** ensino e formação em português língua estrangeira. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- MENDES, E. O português como língua de mediação cultural: por uma formação intercultural de professores e alunos de PLE. In: MENDES, E. **Diálogos interculturais:** ensino e formação em português língua estrangeira. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 139-158.
- OLIVEIRA, G. M. de. **Diversidade linguística no Brasil.** Brasília: IPOL; UNESCO, 2010.
- OLIVEIRA, G. M. de. **Linguística aplicada:** da prática à teoria. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- RETO, L. A. **Potencial económico da língua portuguesa.** Alfragide: Texto Editores, Leya, 2012.

SANTOS, J. S. dos; CARVALHO, L. A. M. de. **Fortalecimento de língua autóctone: sateré-mawé em ação em Maués/AM.** [S.l.]: Universidade do Estado do Amazonas – UEA, 2022.

SCANTAMBURLO, L. **O léxico do crioulo guineense e as suas relações com o português: o ensino bilíngue português-crioulo guineense.** 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2013.

Para citar este artigo: SILOM, Alfa dos santos; GUIMARÃES, Joselino. Papel das línguas autóctones no ensino do português na Guiné-Bissau. **AXÉUNILAB: Revista Internacional de Estudos de Linguagens na Lusofonia.** São Francisco do Conde (BA), vol.01, nº01, p.206-217, jan./jun.2025. (Editores: Abias Alberto Catito - UEFS & Maurício Bernardo - UEFS ** Coordenação: Alexandre António Timbane)

Alfa dos Santos Silom, graduado em Letras-Língua Portuguesa (2019) pela Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, mestre em Língua e Cultura (2023) pela Universidade Federal da Bahia e doutorando na mesma universidade. Pesquisador do Projeto Vertentes do Português Popular da Bahia. Atua no grupo de Pesquisa EDULILA –Malês e é professor voluntário no Projeto Emancipa Malês, vinculado à UNILAB. E-mail: alfadossantos1990@gmail.com

Joselino Guimarães, graduado em Letras - Língua Portuguesa (2017) pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Mestre em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura. Atualmente, é doutorando na mesma instituição. E-mail: jose77lino@gmail.com